



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

ALANA KRISTINA DE SOUZA SANTOS

**RELEVÂNCIA DOS CUIDADOS E HIGIENE ÍNTIMA NA QUALIDADE DE
VIDA DA MULHER**

**ARIQUEMES-RO
2021**

ALANA KRISTINA DE SOUZA SANTOS

**RELEVÂNCIA DOS CUIDADOS E HIGIENE ÍNTIMA NA QUALIDADE DE
VIDA DA MULHER**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do Grau em Bacharel em Farmácia
apresentado à Faculdade de Educação e Meio
Ambiente – FAEMA.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Keila de Assis Vitorino.

**ARIQUEMES-RO
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237r Santos, Alana Kristina de Souza
Relevância dos cuidados e higiene íntima na qualidade de vida da mulher. / Alana Kristina de Souza Santos. Ariquemes, RO: Faculdade de Educação e Meio Ambiente, 2021.
53 f. ; il.
Orientador: Prof. Ms. Keila de Assis Vitorino.
Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Farmácia – Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes RO, 2021.

1. Genitália feminina. 2. Higiene genital. 3. Intercorrência vulvovaginais. 4. Saúde da mulher. 5. Higiene íntima. I. Título. II. Vitorino, Keila de Assis.

CDD 615

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

ALANA KRISTINA DE SOUZA SANTOS

**RELEVÂNCIA DOS CUIDADOS E HIGIENE ÍNTIMA NA QUALIDADE DE
VIDA DA MULHER**

Trabalho de Conclusão de Curso para a
obtenção do Grau em Bacharel em Farmácia
apresentado à Faculdade de Educação e Meio
Ambiente – FAEMA.

Banca examinadora

Prof^a. Ma. Keila de Assis Vitorino
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^a. Ma. Vera Lúcia Matias Gomes Geron
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^a. Esp. Jucelia da Silva Nunes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por conduzir todos os fatores que possibilitaram a concretização dessa experiência acadêmica, por ter guiado meu caminho nesses últimos anos me permitindo crescer, conhecer e também vivenciar bons momentos.

Aos meus amados pais Valdir e Sueli e ao meu irmão Thauan por serem amor, conforto e carinho em minha vida. Por todo suporte, cuidado e incentivo, por cada gesto que me impulsionou durante essa jornada.

Às minhas queridas Esther Neres e Jamylla Romero, os vínculos que tive o imenso prazer de construir durante esse trajeto e que fizeram destes anos tão significativos. Gratidão por todo apoio e a troca mais sincera de afeto. Às minhas companheiras de curso Karolaine de Aguiar e Daiane Guimarães pela amizade e contribuição em todo esse período de estudo.

À minha orientadora Ma. Keila de Assis Vitorino por ter acreditado na minha proposta e pela ajuda prestada. Aos professores que ao compartilharem de seus conhecimentos colaboraram para minha formação.

Minha gratidão se estende ainda aos amigos e familiares que acreditaram em mim e que de alguma forma contribuíram para essa conquista.

*“A quantidade da vida é uma decisão divina,
mas a qualidade da vida é uma decisão humana”*

Autor desconhecido

RESUMO

Os hábitos de higiene e cuidados correlatos a ela podem promover manutenção do ambiente íntimo ou desencadear desequilíbrios genitais, uma vez que tem por finalidade interferir sobre a remoção ou acúmulo de resíduos, microrganismos, umidade, pH e temperatura local. A forma como as mulheres conduzem os cuidados com seu próprio corpo, onde a falta de conhecimento associada a fatores econômicos e socioculturais, estão tornando uma prática negligenciada. Assim sendo, o objetivo desse trabalho recai em analisar o impacto do cuidado e higiene com a região íntima e sua influência na qualidade de vida da mulher. O atual estudo trata-se de uma revisão de literatura cujo levantamento bibliográfico englobou artigos científicos, livros, monografias, teses e dissertações, disponíveis na língua portuguesa e inglesa. Os dados obtidos indicaram haver fragilidade no conhecimento da mulher sobre as condutas de higiene e como isso reverbera na adoção das práticas de cuidado. É evidenciado na limpeza do ânus em direção à vulva, no uso de duchas vaginais, uso de absorventes, produtos como sabonetes e lenços umedecidos, vestimentas tais quais calças apertadas, calcinhas de material sintético e peças molhadas. Além do desconforto orgânico como as infecções e alergias causadas, ao serem associados aos danos no estado psicológico, acabam afetando a segurança, autoestima e conforto da mulher. Esses fatores refletem em sua qualidade de vida, na sensação de bem estar e como a mulher irá se relacionar com outros a sua volta. Discussões a cerca de temáticas femininas são sempre válidas, ainda mais quando estas se mostram deficientes em algum ponto. Investir em uma boa educação em saúde voltada à região genital promove o conhecimento a cerca do próprio corpo, tão logo refletindo na saúde do organismo como um todo.

Palavras-chave: Genitália feminina. Higiene genital. Intercorrências vulvovaginais.

ABSTRACT

Hygiene habits and care related to it can promote maintenance of the intimate environment or trigger genital imbalances, as it is intended to interfere with the removal or accumulation of residues, microorganisms, humidity, pH and local temperature. The way women take care of their own bodies, where the lack of knowledge associated with economic and sociocultural factors, is becoming a neglected practice. Therefore, the objective of this work is to analyze the impact of care and hygiene on the intimate region and its influence on women's quality of life. The current study is a literature review whose bibliographical survey included scientific articles, books, monographs, theses and dissertations, available in Portuguese and English. The data obtained indicated that there was a weakness in women's knowledge about hygiene behaviors and how this reverberates in the adoption of care practices. It is evidenced in the cleaning of the anus towards the vulva, in the use of vaginal showers, use of absorbents, products such as soaps and wet wipes, clothing such as tight pants, synthetic material panties and wet garments. In addition to the organic discomfort caused by infections and allergies, when associated with damage to the psychological state, they end up affecting the woman's safety, self-esteem and comfort. These factors reflect on their quality of life, on the feeling of well-being and on how the woman will relate to others around her. Discussions about women's themes are always valid, even more when they are deficient at some point. Investing in good health education aimed at the genital region promotes knowledge about the body itself, as soon as it reflects on the health of the body as a whole.

Key-words: Female genitalia. Genital hygiene. Vulvovaginal complications.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição das queixas ginecológicas evidenciadas (%)	18
Figura 2 - Agenda da Mulher (página 9).....	19
Figura 3 - Comparativo do total de acertos antes e após a introdução do álbum.....	20
Figura 4 - Estrutura externa do aparelho genital feminino.....	23
Figura 5 - Estrutura dos órgãos internos do aparelho genital feminino	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CVV	Candidíase vulvovaginal
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IST	Infecção Sexualmente Transmissível
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAISM	Política de Assistência Integral à Saúde da Mulher
PNAISM	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher
QV	Qualidade de Vida
QVRS	Qualidade de Vida Relacionada à Saúde
SCT	Síndrome do Choque Tóxico
SUS	Sistema Único de Saúde
VB	Vaginose Bacteriana
VV	Vulvovaginites

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
3 METODOLOGIA.....	15
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
4.1 QUALIDADE DE VIDA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE	16
4.2 FATORES QUE PODEM AFETAR A ATITUDE EM RELAÇÃO AO AUTOCUIDADO ÍNTIMO	20
4.3 APARELHO GENITAL FEMININO.....	22
4.4 ASPECTOS FISIOLÓGICOS E MECANISMO DE DEFESA	24
4.5 HIGIENE E CUIDADOS ÍNTIMOS	27
4.6 INTERCORRÊNCIAS	29
4.6.1 Intercorrências relacionadas à limpeza diária	29
4.6.2 Intercorrências relacionadas à higiene menstrual	33
4.6.3 Intercorrências relacionadas ao uso de produtos.....	37
4.6.4 Intercorrências relacionadas às vestimentas	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

A genitália feminina é percebida como uma região que possui aspectos singulares, ora por sua estrutura, ora por seu funcionamento fisiológico. Para manter seu bom desempenho requer cuidado minucioso, uma vez que é passível de alterações que promovam desconfortos (BARDIN et al., 2013). A homeostase local é mediada por uma conjuntura de fatores que tanto podem induzir sua manutenção, como estimular distúrbios genitais. Os fatores endógenos são inerentes ao organismo, compreendendo os elementos genéticos, emocionais, imunes e hormonais. De outro modo os exógenos consistem na alimentação, atividades físicas, atividades sexuais, uso de medicamentos, hábitos de higiene e cuidados íntimos (FELIX, 2019).

Ao analisar a temática de higiene voltada a essa área, percebe-se certo desmazelo literário e científico, que podem provocar insuficiência de informações ou torná-las conflitantes entre si, como é evidenciado por autores como Chen et al. (2017), Felix (2019) e Ferreira e Souza (2020). Outra problemática visível é que isso reflete na forma como as mulheres conduzem os cuidados com seu próprio corpo, onde a falta de conhecimento associada a fatores econômicos e socioculturais tende a torná-la uma prática negligenciada (SOUZA; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2020).

A zona vulvovaginal necessita de atenção diária para que receba gestão adequada, preservando sua integridade e contribuindo para o bem-estar e saúde da mulher, que por sua vez, refletirá diretamente em sua qualidade de vida (SANTOS; SILVA; FONTELES, 2017). Hábitos simples desde a hora do banho até a escolha do absorvente repercutem ou evitam uma série de complicações infecciosas, irritativas ou inflamatórias (AYLLÓN, 2015) como as vulvovaginites (VV). Estas se manifestam sendo infecções e/ou inflamações na região vulvar e vaginal, com sintomas de coceiras, corrimento, ardência, dor e odores fétidos, constituindo um dos problemas mais corriqueiros da área ginecológica (SANTOS et al., 2017).

Os hábitos de higiene e cuidados correlatos a ela mediam a saúde genital, uma vez que tem por finalidade interferir sobre a remoção ou acúmulo de resíduos, microrganismos, umidade, pH e temperatura local. Além de promover um impacto orgânico, intervém também no estado psicológico da mulher acometida (BARDIN,

2014).

Entender os componentes do mecanismo que gera essas intercorrências colabora no enfrentamento da mesma, pois, ao se conhecer as causas permite agir prontamente na raiz do problema intervindo-o de acontecer (NERY, 2018). A investigação sobre as condutas higiênicas e as consequências delas podem nortear as mulheres e profissionais da saúde, visto que não são relatadas regularmente (RUIZ et al., 2019).

Deve-se ter em mente que essas práticas são variáveis de acordo com o contexto de cada indivíduo, sofrendo mediações sociais, culturais, econômicas e pessoais. As ações educativas ao serem incorporadas, permitem expor a necessidade e os riscos associados à fragilidade do autocuidado. A informação ao ser compreendida pela receptora em sua vivência, provocam adesão ou mudanças no estilo de vida. Isso recai tão logo sobre a incidência desses transtornos vulvovaginais (SILVA et al., 2021).

Mediante o exposto, percebe-se que a temática não é tão bem propagada na literatura e que pode haver fragilidades no conhecimento da mulher sobre esse assunto, susceptibilizando-a ao desenvolvimento de transtornos genitais. A necessidade da construção do presente trabalho se mostra evidente, visto que a higiene genital é intrínseca à saúde feminina. Assim sendo, o objetivo desse estudo recai em analisar o impacto do cuidado e higiene com a região íntima e sua influência na qualidade de vida da mulher.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o impacto do cuidado e higiene com a região íntima e sua influência na qualidade de vida da mulher.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discorrer sobre a qualidade de vida, destacando a ferramenta de educação em saúde como promotora dela;
- Relacionar os fatores socioeconômicos que conduzem a forma como as mulheres praticam os cuidados com sua higiene íntima;
- Elucidar aspectos anatômicos e fisiológicos para compreensão da genitália feminina;
- Descrever práticas de higiene íntima e as principais intercorrências relacionadas.

3 METODOLOGIA

O atual estudo trata-se de uma revisão de literatura, método que busca analisar o conteúdo dos trabalhos de diversos autores, servindo como base para a elaboração de um novo. A coleta se deu através das plataformas: SciELO (*Scientific Eletronic Library On-line*), MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*), Google Acadêmico, Minha Biblioteca e Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA. O levantamento bibliográfico englobou artigos científicos, livros, monografias, teses e dissertações, disponíveis na língua portuguesa e inglesa. Através dos descritores (higiene íntima, higiene genital feminina, cuidados íntimos, vulvovaginites, fisiologia da genitália feminina) foi possível encontrar trabalhos relacionados a temática principal e aos subtemas inclusos.

Prioritariamente os trabalhos referenciados no corpo desta monografia buscaram atender ao período de 5 anos. Preferencialmente utilizou-se aqueles a partir do ano de 2016. Entretanto, conforme o andamento deste processo, houve a necessidade de estender esse tempo em 3 anos a mais, logo considerando alguns materiais a partir de 2013. Isso foi necessário devido ao fato da temática não ter um extenso acervo atual e foram encontrados dados de relevância em artigos não tão recentes.

Para a triagem do material coletado, obedeceram-se algumas etapas. Em primeiro momento os materiais foram selecionados de acordo com o que indicava o seu título e resumo. Posteriormente realizou-se uma leitura na íntegra. Aqueles que continham informações pertinentes foram inclusos para a extração de dados e os que não possuíam conteúdos relacionados com o intuito deste trabalho, foram descartados.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 QUALIDADE DE VIDA E EDUCAÇÃO EM SAÚDE

A qualidade de vida tem sido um fator de grande relevância em estudos de diferentes áreas de conhecimento e também um conceito de difícil definição, por se tratar de um termo dinâmico, subjetivo ou mesmo polissêmico. Muitos autores têm tentado descrever essa expressão relacionando à ‘um estado de bem estar’ ou ‘percepção de satisfação com a vida’ (NORONHA et al., 2016). Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), Qualidade de Vida (QV) diz respeito à “percepção do indivíduo de sua inserção na vida no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (HARALDSTAD et al., 2019). Trata-se de um conceito influenciado por aspectos sociais, físicos, psicológicos e funcionais de cada indivíduo (RUIZ, 2014).

A saúde passou a ser um determinante da QV, pois medeia aspectos positivos e negativos na vivência de uma pessoa, e dessa inserção em específico, originou-se o termo Qualidade de Vida Relacionada à Saúde (QVRS). Cruz, Collet, Nóbrega (2018) afirmam que “QVRS refere-se à percepção do indivíduo sobre a condição de sua vida diante da enfermidade e as consequências e os tratamentos referentes a ela, ou seja, como a doença afeta sua condição de vida útil”.

Diversos são os fatores que podem comprometer o bem-estar feminino, sejam coisas externas do cotidiano, fase da vida, sentimentos, autoimagem e principalmente condições de saúde (CAZELLA, 2019). Esse último motivo, faz-se perceber a importância de dar espaço ao desenvolvimento de ações nessa área, dando suporte as necessidades desse público, respeitando seus direitos de cidadania (SEDLMAIER; BARROS; LODI, 2019). Segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) as mulheres compõem cerca de 51% da população brasileira, são também as principais usuárias dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) (KLAESENER; JACOBO, 2020).

Essas circunstâncias só reforçam o quão imprescindível foi a criação do

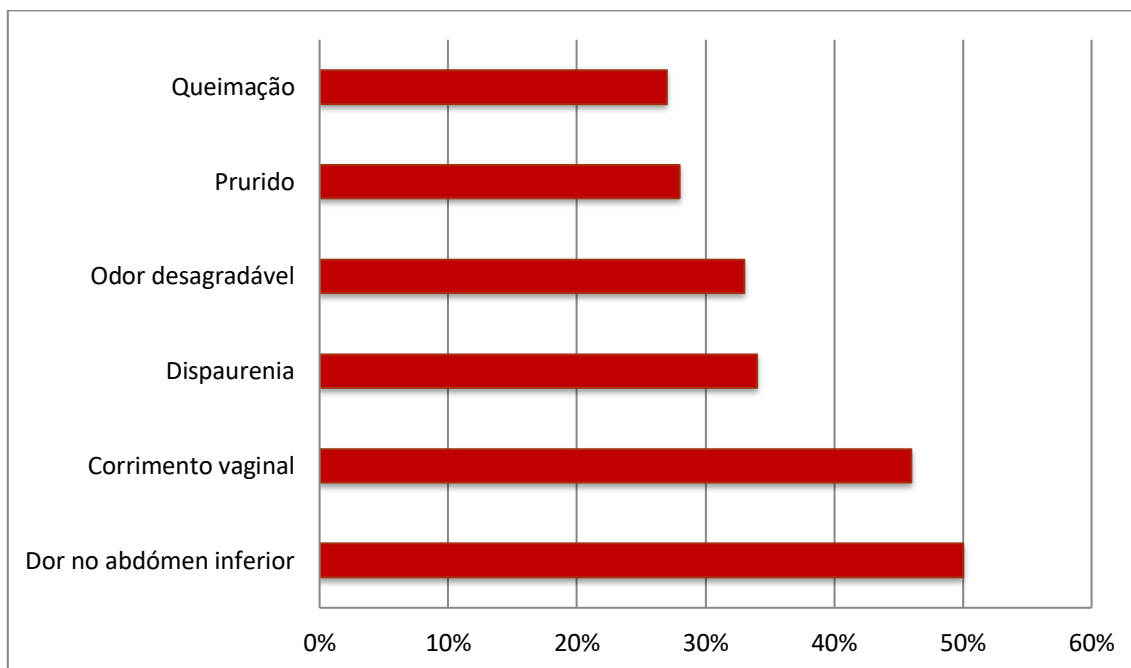
Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) em 1984, cuja pretensão voltava-se a oferecer serviços de atenção em todo o seu ciclo vital, perdurando da adolescência até a pós-menopausa. Buscando levar em consideração suas necessidades e direitos, como também sua individualidade. O programa reforça o dever do setor da saúde para com as mulheres induzindo à promoção da qualidade de vida e possibilitar o conhecimento acerca do seu corpo e sexualidade (FERNANDES; NARCHI, 2013).

Os objetivos do projeto consistiam em ações educativas, preventivas, diagnósticas, de tratamento e recuperação (SANTOS, 2019) abrangendo atividades relacionadas ao câncer, planejamento familiar, climatério, pré-natal, parto e pós-parto, doenças mentais e ocupacionais, diagnóstico e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis e também atenção ginecológica (FERNANDES; NARCHI, 2013).

Em 2004 foi instituída a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), um documento que visa dentre seus propósitos promover melhorias das condições de vida e saúde das mulheres, garantindo seus direitos e ampliado o acesso a serviços essenciais de promoção, prevenção, assistência e recuperação da saúde em todo o território brasileiro (SANTOS, 2019). No corpo desse documento, menciona-se lacunas nos cuidados voltados à vitalidade feminina que precisam de cautela como as queixas ginecológicas (BRASIL, 2004).

Uma das mais frequentes reclamações pelas quais as mulheres buscam um profissional da saúde são as queixas ginecológicas (MILLS, 2017). Von Glen, Sidon e Machado (2017) demonstram um estudo feito em uma unidade básica de saúde com 201 mulheres. Dessas, 78% relataram pelo menos uma queixa ginecológica, destacando corrimento vaginal, odor desagradável, prurido e queimação (Figura 1). De modo geral essas perturbações fisiológicas estão associadas a valores elevados de pH e/ou conseqüentemente a evolução de uma disbiose da região vulvovaginal.

Figura 1 - Distribuição das queixas ginecológicas evidenciadas (%)



Fonte: Adaptado de Von Glen, Sidon e Machado (2017).

Segundo Piassarolli (2014) os cuidados e higiene genital inadequados são fatores que podem contribuir para uma série de problemas, incluindo o surgimento de odores, corrimento patológico e infecções. A região íntima necessita de atenção e limpeza diária, pois está constantemente susceptível ao acúmulo de secreções, alterações de pH e microbiota, fricção e oclusão que acabam interferindo na integridade desse local. O público feminino precisa ser orientado da melhor maneira para que o autocuidado reverbere em bem-estar e proteção (SANTOS; SILVA; FONTELES, 2017).

A OMS considera a promoção da saúde uma grande ferramenta na capacitação da comunidade em melhorar sua qualidade de vida (FERNANDES; NARCHI, 2013). Educação em saúde nada mais é do que um compilado de práticas e saberes passados para o indivíduo a fim de prevenir enfermidades, como também promover e recuperar a homeostase do organismo (NEPOMUCENO, 2017). Em vista disso, as temáticas voltadas ao público feminino no processo de educação em saúde se tornam relevantes ao contribuírem para que as mulheres reconheçam cada vez mais aspectos do seu próprio corpo, permitindo mudanças de hábitos e condutas benéficas, repassando informações corretas às demais (SANTOS; SILVA; FONTELES, 2017).

A Agenda da Mulher é um documento do Ministério da Saúde, cujo conteúdo oferece informações básicas para melhorar a qualidade de vida da mulher (SANTOS; SILVA; FONTELES, 2017). No entanto, o tópico Higiene Íntima é retratado de maneira rasa, conforme destacado na Figura 2, compreendendo apenas um parágrafo de toda a Agenda. Isso permite reforçar o que Chen et al. (2017) menciona, sobre esse tema não receber atenção suficiente.

Figura 2 - Agenda da Mulher (página 9)

• **Diminuindo 11 da duração do ciclo mais longo, obtém-se o último dia da fase fértil.** Por exemplo: se o seu ciclo mais longo tiver sido de 32 dias: 32-11=21. Isto significa que o 21º dia do ciclo será seu último dia fértil.

No exemplo utilizado acima, o período fértil é do 10º ao 21º dia do ciclo.

Desta forma, se você deseja programar ou evitar uma gravidez por meio de um método natural, você pode conhecer seu período fértil e planejar melhor sua vida reprodutiva. Esta técnica é conhecida como método da **tabela**. A eficácia desse método depende de seu uso correto e da cooperação de ambos os parceiros, o que requer disciplina, conhecimento do funcionamento do corpo e observação atenta. A tabela é individual, cada mulher tem que fazer a sua.


Sendo assim, o ciclo menstrual normal pode variar, mês a mês, dependendo da duração da primeira fase do ciclo. Nos dois anos após o início das menstruações, devido à imaturidade na produção hormonal e a ocorrência freqüente de ciclos sem ovulação, é comum algumas adolescentes terem os ciclos irregulares. No entanto, quando essa irregularidade permanece por longo tempo ou ocorre em outra fase da vida da mulher, deve ser avaliada e investigadas as suas causas.

Assim como o início dos ciclos está relacionado aos estímulos hormonais e às ovulações, quando termina o período reprodutivo, a mulher pára de ovular e também de menstruar. Desta forma, a **menopausa** normalmente ocorre entre 40 e 55 anos de idade, a partir da ausência de menstruações por período de um ano ou mais. A **menopausa e o climatério** (período antes, durante e depois da parada das menstruações) fazem parte do funcionamento normal da vida da mulher. Embora algumas mulheres apresentem alguns sintomas durante a adaptação a essa fase, o que pode ser tratado de acordo com cada caso, **menopausa não é doença!** Durante essa fase não

deve haver sofrimento. Para isso é necessário que hajam mudanças nos hábitos de vida (alimentação e atividade física), a fim de promover saúde. Caso os sintomas sejam intensos ou persistam, procure o serviço de saúde para avaliação, tratamento e prevenção de complicações.

HIGIENE ÍNTIMA

Os cuidados com a genitália incluem a sua lavagem diária com sabão ou sabonete neutro. Não é recomendável o uso de lâminas para raspar os pêlos. Recomenda-se lavar a genitália após cada evacuação, mas não a cada micção (xixi). Se usar papel higiênico, faça-o **SEMPRE** no sentido da vulva p/ o ânus (da frente para trás), nunca ao contrário, evitando assim a contaminação da vagina por germes que habitam as fezes. **Convém evitar:** lavagens genitais freqüentes, uso de duchas vaginais, absorventes diários e uso de roupas íntimas ou calças justas de tecido sintético. Esses fatores predispõem ao desequilíbrio da flora vaginal, podendo ocasionar corrimentos ou inflamações. Na praia, rio ou piscina, evite ficar muito tempo com o maiô ou biquíni molhados, pois o ambiente quente e úmido favorece a proliferação de fungos.



9

Fonte: Adaptado de Brasil (2006).

O conhecimento como instrumento de prevenção é um importante artifício da saúde pública (CEZAR et al., 2019). Nepomuceno (2017) na construção de seu trabalho, elaborou um álbum seriado fornecido às mulheres como estratégia educativa a fim de fornecer informações sobre a higiene íntima adequada. A Figura 3

demonstra o impacto no entendimento do assunto que essas mulheres tinham antes e depois da aplicação do álbum, deixando claro a contribuição no enriquecimento do saber.

Figura 3 - Comparativo do total de acertos antes e após a introdução do álbum

Respostas	Antes		Após	
	n°	%	n°	%
Acertos	580	67,44	830	96,51
Erros	280	33,61	30	3,48

Fonte: Adaptado de Nepomuceno (2017).

4.2 FATORES QUE PODEM AFETAR A ATITUDE EM RELAÇÃO AO AUTOCUIDADO ÍNTIMO

A falta de conhecimento corrobora para possíveis alterações no estado de saúde de uma pessoa, podendo levar ao surgimento de processos patológicos (SILVA, 2017). Não são todas as mulheres que possuem entendimento necessário para mediar de forma eficaz um autocuidado íntimo (SOUZA; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2020). Cezar et al. (2019) afirmam que a falta de conhecimento sobre aspectos anatômicos e fisiológicos do próprio corpo predispõe mulheres a desenvolverem infecções no trato urinário e vulvovaginites (VV), por razão de desconhecerem as necessidades de cuidados que a região pede, como as práticas de higiene íntima. Revelam ainda que mais de 150 milhões de mulheres são acometidas por uma dessas doenças.

O estudo de Silva (2017), oportunamente diante desse cenário, revela que em um questionário onde falava sobre a nomenclatura da genitália externa feminina, aplicado a 154 mulheres de uma faculdade de Araguaia (incluindo docentes e alunos), permitiu constatar que apenas 40,2% acertaram a resposta (vulva). O maior número de acertos se deve as acadêmicas do curso de biologia, o que se justifica,

pela área ter contato com tal assunto. Outra perspectiva obtida é que a maioria das respostas (51,9%) consideraram “vagina” como a assertiva correta, podendo ser um indicativo de que haja a falsa ideia de que essa palavra englobe toda a anatomia íntima da mulher, parte interna e externa.

Morais et al. (2014) constaram em sua pesquisa feita no Centro de Saúde da Família em Sobral, que as participantes do estudo desconheciam sua própria genitália, obtendo declarações como “Vixe, e é assim?”, “E a vagina é a parte de dentro, por fora é a vulva? Valha!” ou “Nem lembrava mais como era.”. E quando questionado sobre a higiene íntima, houve concordância em certos pontos como “Roupa apertada ‘num’ pode, que esquenta e depois da doença” e equívocos em outros “Vixe! Dormir sem calcinha pode não, tá errado!”. Ademais, revelaram haver certa deficiência na abordagem do tópico ‘questões associadas à região íntima feminina’ com usuárias do sistema de saúde.

A incompreensão talvez esteja associada a falta de interesse, acesso ou deficiência na propagação desse assunto. Visto que essa temática se mostra como um fator interferente na manutenção de boas condições da genitália, um componente chave da educação em saúde é a oferta de informação, tendo impacto de natureza comportamental no autocuidado, o qual refletirá no estado de saúde (ROBERTO et al. 2018). Todavia, só é considerado “informação” quando esta é capaz de ser compreendida. Para isso deve-se adaptar a mensagem de acordo com o cognoscente, para que ele consiga ressignificar, sintetizar e contextualizar em sua vivência (LEITE et al. 2014).

Outra condição que predispõe dificuldades na manutenção da área genital é o estilo de vida atual. As mulheres modificaram seu papel diante da sociedade e na estrutura econômica familiar, fazendo com que estejam mais presentes no mercado de trabalho, representando 45,1% da população brasileira economicamente ativa segundo IBGE. Essas trabalhadoras têm exercido várias atividades sociais e profissionais que as submete a longos períodos do dia fora de casa, cujas jornadas de trabalho semanal chegam a ser superiores a 40 horas (RUIZ, 2014).

Logo, a higiene íntima fica comprometida, modificada ou mesmo dificultada. Isso se dá pois, há o uso de vestimentas que podem ser desconfortáveis, atrapalhem a higiene local e até mesmo a aeração fica escassa. Certos ambientes

podem ser impróprios ou inadequados para que seja executada a limpeza da região. Esse cenário também predispõe ao uso de produtos na finalidade de tornar a prática mais fácil, como o uso de absorventes, sabões com diferente pH, desodorantes, lenços sanitários, entre outros, que na verdade precisam de cautela pois podem oferecer certos riscos (FERREIRA; SOUZA, 2020).

No objetivo de se obter uma correta higiene íntima, a condição socioeconômica é outro fator que determina o estado sadio de uma pessoa. Dentro da sociedade brasileira, a relação existente entre saúde e pobreza pode ser evidenciada nos serviços de saúde de maneira perversa, isso porque estão estruturalmente forjadas na sociedade (PITOMBEIRA; OLIVEIRA, 2020). Estudos apontam que quanto menor o nível socioeconômico, de igual forma será a condição de saúde, mediando o estilo de vida, comportamentos e atitudes, acesso a serviços e produtos (PIASSAROLLI, 2014).

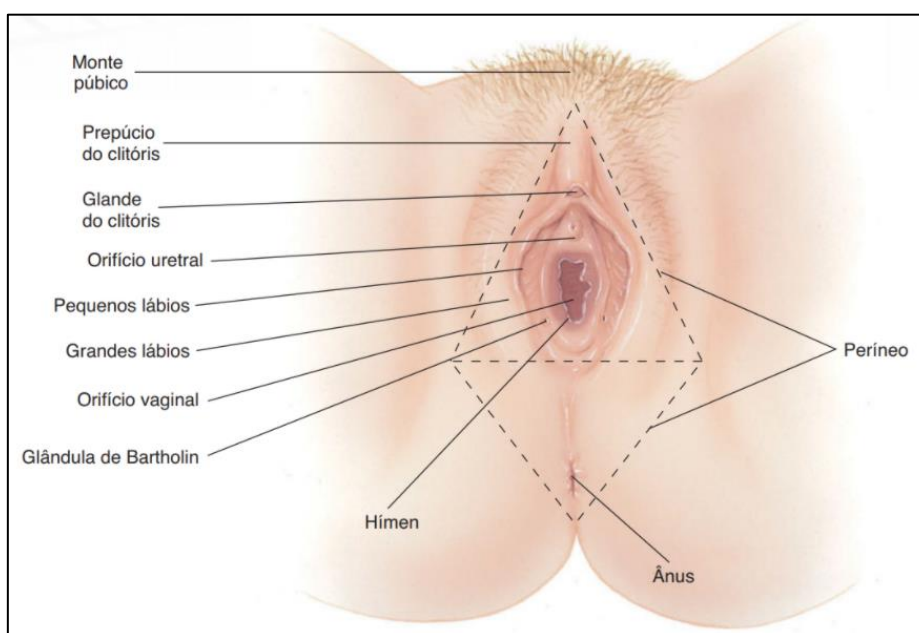
No âmbito da saúde, risco refere-se à probabilidade que um indivíduo ou uma coletividade ficam susceptíveis de adquirir uma doença ou agravo. Por conta da posição social este risco é potencializado. A sociedade tem face injusta e desigual, fazendo com que nem todos tenham os mesmos artifícios para se protegerem dos riscos que as adversidades patológicas impõem (VASCONCELOS; FELIX; GATTO, 2017). Mulheres que se encaixam nesse quesito tornam-se alvos necessários de abordagens preventivas, uma vez que a manutenção genital reflete no equilíbrio geral do indivíduo (PIASSAROLLI, 2014).

4.3 APARELHO GENITAL FEMININO

Anatomicamente o aparelho genital feminino é composto por vários órgãos, os quais são categorizados diante da localidade onde se encontram. De modo geral aqueles ditos externos (coletivamente conhecidos como vulva) incluem o monte do púbis, grandes lábios, pequenos lábios, clitóris, vestibulo da vagina (contendo a abertura da uretra e o orifício vaginal) e as glândulas anexas. Já os internos compreendem a vagina, útero, tubas uterinas e ovários (WASCHKE; BÖCKERS; PAULSEN, 2019).

Descritivamente a vulva (Figura 5) tem sua abrangência a partir do monte do púbis, o qual é formado por tecido adiposo e sua extensão recoberta de pelos pubianos. Dele se prolongam posterior e inferiormente duas dobras cutâneas denominadas grandes lábios, providas igualmente de pelos em sua superfície, que se estendem e finalizam próximo ao ânus. Internamente a elas estão os pequenos lábios, sendo pregas delicadas de pele, cuja junção posterior se funde aos grandes lábios e na parte anterior dá lugar ao prepúcio e glande do clitóris. Este último por sua vez trata-se de uma estrutura erétil e numerosamente inervada por terminações nervosas (RIZZO, 2016).

Figura 4 - Estrutura externa do aparelho genital feminino



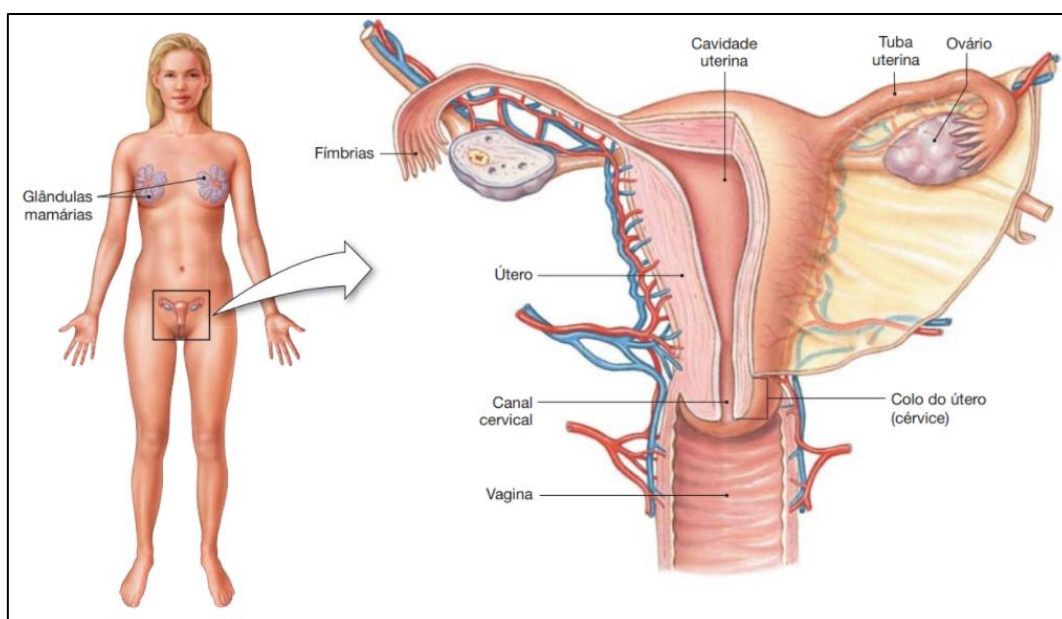
Fonte: RIZZO, 2016.

Além disso, os pequenos lábios circundam o vestíbulo da vagina, distinguível por ser um espaço oval em que desembocam dois óstios: a abertura da uretra e consecutivamente o orifício vaginal. Há ainda a existência de glândulas mucoprodutoras nessa zona: as Glândulas de Skene situam-se em ambos os lados da saída da uretra, enquanto as Glândulas de Bartholin se lateralizam ao orifício vaginal. Já as glândulas vestibulares menores estão presentes entre ambos os óstios (TORTORA; DERRICKSON, 2017).

O orifício vaginal dá abertura para os órgãos que compõe o interior do sistema (Figura 6). Logo de início têm-se a vagina propriamente dita, configurando em uma

cavidade muscular cuja superfície interna de suas paredes é composta por pregas oblíquas. Funciona como um canal entre o útero e a vulva, permitindo dentre suas funções, o escoamento do sangue menstrual (SILVA et al., 2019). Em sequência há a projeção do colo uterino prosseguindo com o corpo do útero e fundo do útero, se conectando lateralmente às tubas uterinas e ovários (WASCHKE; BÖCKERS; PAULSEN, 2019).

Figura 5 - Estrutura dos órgãos internos do aparelho genital feminino



Fonte: SILVERTHORN, 2017.

4.4 ASPECTOS FISIOLÓGICOS E MECANISMO DE DEFESA

A região íntima possui particularidades, assim como às demais partes do corpo, que permitem caracterizá-la e conceder aspectos que ajudam a entender seu funcionamento. O ecossistema vulvovaginal é formado por elementos que atuam de maneira complementar e sinérgica em prol de favorecer a homeostase da genitália feminina, podendo destacar a barreira epitelial, a microbiota local, a acidez, as secreções e também os componentes da imunidade inata (VASCONCELOS; FELIX; GATTO, 2017).

O órgão genital da mulher tem sua composição feita por pele, mucosa e

semimucosa, cujas estruturas anexas (pelos e glândulas) variam quanto à presença. O epitélio íntegro funciona como a primeira barreira física contra agentes externos. A pele da vulva é constituída de epitélio estratificado pavimentoso queratinizado, sendo perceptível encontrar pelos na porção do monte do púbis e lábios maiores (YEUNG; PAULS, 2016). Nessas mesmas regiões há também a existência de diversas glândulas sebáceas e sudoríparas, que juntas formam um filme hidrolipídico capaz de revestir a superfície da pele auxiliando a manter uma barreira (MURINA et al., 2020).

Por outro lado, os pequenos lábios são ausentes de pelos e glândulas sudoríparas, não sendo possível dizer o mesmo das sebáceas, que se estendem em bastante quantidade nesse local. Já a mucosa do vestíbulo da vagina é formada de epitélio estratificado pavimentoso levemente queratinizado, revestido por glândulas sebáceas e também mucoprodutoras como as de Bartholin e Skene, as quais respondem aos estímulos sexuais lubrificando a região (OLIVEIRA; BAIRROS, 2018).

A vagina é formada por epitélio estratificado pavimentoso não queratinizado, o qual colabora na proteção do trato vaginal. A manutenção desse epitélio se dá por meio da descamação promovendo uma constante renovação das células escamosas. A mucosa vaginal diferentemente da vulva tem ausência completa das estruturas glandulares anteriormente descritas, no entanto, é responsável por excretar um líquido conhecido como fluxo vaginal fisiológico. Sua composição compreende o transudado celular, produtos metabolizados por microrganismos e os próprios microrganismos, células esfoliadas, muco cervical e líquidos endometriais (esses últimos mediados por níveis hormonais) (MARTINS, 2014).

Pelos constituintes desse fluido, é possível entender que se trata de uma resposta fisiológica do organismo para manter a vagina limpa, por tanto, natural e benéfica. Se apresenta normalmente com coloração clara, viscosa e homogênea, variando em quantidade e aspecto dependendo do período do ciclo reprodutivo. O odor, quando se apresenta, é de forma suave fruto da degradação de constituintes orgânicos pelos microrganismos. Porém quando se instala um processo patológico, as características da secreção sofrem alteração (MEDEIROS, 2016).

Outra característica importante a ser observada no que tange ao bom

funcionamento do sistema genital e conseqüentemente na defesa do mesmo, é a presença de microrganismos locais. A microbiota vulvovaginal refere-se ao conjunto de microrganismos que residem nessa região de forma mutualística, que em condições normais não geram nenhuma doença. Nesse caso específico, o sítio anatômico fornece nutrientes para sua sobrevivência, enquanto eles propiciam a manutenção da acidez do ambiente e defendem contra agentes patogênicos. Por esse motivo, considera-se que atuam como linha de frente na proteção do hospedeiro (SMITH; RAVEL, 2017).

Para a maioria das mulheres em fase reprodutiva e assintomática, a predominância da espécie de *Lactobacillus* no trato genital feminino é um constituinte fundamental da flora (NAMI; HAGSHENAS; KHOSROUSHAHI, 2018). Tais bactérias formam um biofilme na superfície do epitélio, sendo capazes de inibirem o crescimento microbiano indesejado por meio da síntese de substâncias antimicrobianas, secreção de ácidos orgânicos ou competição por nutrientes (OLIVEIRA et al., 2017).

Inclusive são responsáveis pelo mecanismo que gera a acidez da mucosa vaginal. O pH baixo forma um “manto ácido cutâneo” devido à produção do ácido láctico (LOPES et al., 2018). É esperado que nessas condições a vagina apresente pH que varie entre 3,8 a 4,5 de acordo com o que afirma Gohda et al. (2018). Do mesmo modo a flora da vulva permite a adequação do pH para que o mesmo inviabilize a fixação e desenvolvimento de organismos indesejáveis (BRUNING et al., 2020) ficando seus valores entre 3,5 a 4,7 (CHEN et al., 2017).

Ainda não foi claramente elucidado o mecanismo pelo qual os níveis de estrogênio aumentam as cepas desses bacilos. Aparentemente há o acúmulo de glicogênio nas células sob estímulo desse hormônio (MITRA et al., 2016). As moléculas de glicose por sua vez servem de extrato para que os *Lactobacillus* os metabolizem em ácido láctico. A acidez torna o ambiente inóspito para a maioria dos microrganismos patogênicos e transitórios (TORTORA; DERRICKSON, 2017). Ainda segundo Gohda et al. (2018) outras bactérias também são passíveis de fermentar glicogênio em ácido láctico, como é o caso de espécies do gênero *Atopobium*, *Leptotrichia*, *Leuconostoc*, *Megasphaera*, *Pediococcus*, *Streptococcus* e *Weissella*.

Entretanto, há ressalvas quanto ao pH ser um determinante na colonização

vaginal, visto que existem microrganismos capazes de alterá-lo e outros, como os fungos, aptos a sobreviverem em meios ácidos. Por outro lado, a acidez interfere na solubilidade de certos nutrientes utilizados por esses microrganismos dificultando sua nutrição e conseqüentemente sua sobrevivência e virulência, como é o caso da *Neisseria gonorrhoeae* e *Candida albicans* com micronutrientes metálicos tipo o ferro (MARTINS, 2014).

De qualquer modo a microbiota é de ímpar importância na qualidade de vida da mulher, tanto que perturbações que venham acontecer no ecossistema, como os cuidados com a genitália e hábitos de higiene, pode gerar desequilíbrio microbiano e resultar em conseqüências para a saúde. Tanto microrganismos transitórios podem se instalar, quanto aqueles provenientes da flora local se proliferarem e tornarem-se nocivas (SOUZA; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2020).

4.5 HIGIENE E CUIDADOS ÍNTIMOS

As práticas de higiene são ações de eficácia notável e por isso, amplamente recomendadas. Através de condutas de limpeza atuam como barreiras evitando a proliferação de doenças infecciosas (RUIZ et al., 2019). Ferreira e Souza (2020) retratam ser um hábito preconizado na saúde pública desde o século XIX como um método de cunho preventivo. Castro (2019) complementa ao mencionar que são significativas e de certa forma decisivas no bem-estar do indivíduo, preservando a saúde e agregando na expectativa de vida.

A OMS valoriza e considera como prioridade à comunidade da saúde os cuidados voltados a higiene pessoal, pois de maneira contrária, quando feita precariamente, geram danos. No âmbito da saúde da mulher esse assunto está além das precauções básicas direcionadas à boca, mãos, pele ou outros, englobando também e significativamente a região íntima (PIASSAROLLI, 2014) precavendo problemas genitais (RUIZ et al., 2019).

Dessa maneira a higiene íntima feminina tende a ser compreendida como um conjunto de práticas direcionadas à genitália da mulher (KELČÍKOVÁ et al., 2017) no intuito de eliminar resíduos que tendem a se acumular no local, aliadas aos cuidados

com vestuário e uso de produtos específicos (CARDOSO, 2015). A higiene íntima tende a ser uma atividade rotineira (MURINA et al., 2020) e constitui um ato necessário a todas as mulheres, capaz de gerar segurança, saúde e bem-estar, prevenindo desconfortos que afetariam sua confiança. A mulher tende a se sentir insegura quanto à possibilidade de apresentar odores que possam impregnar o ambiente ou mesmo fluxos intensos capazes de manchar vestes (BRUNING et al., 2020; PIASSAROLLI, 2014).

Embora não seja habitualmente tratada como pauta nos textos, a importância da higiene íntima é notória na promoção da saúde feminina (MARTINS, 2014). Ela não tem por princípio esterilizar a região, o que não é nem recomendável, e sim provocar limpeza meticulosa e completa, ao remover excessos de suor, gordura e resíduos que podem se acumular no decorrer do dia (CASTRO, 2019), impedindo perturbação das funções normais desse sistema e prevenindo reações indesejadas (BARANOVA, 2018).

É de fundamental importância que essa região se mantenha íntegra a fim de que possa desempenhar sua função de defesa (SANTOS; SILVA; FONTELE, 2017), porém devido à sua anatomia, localidade e aspectos fisiológicos, a manutenção de sua homeostase pode ser facilmente comprometida (CASTRO, 2019), pois atos incorretos tendem a alterar o pH e flora, culminando em infecções e inflamações (OLIVEIRA et al., 2017) propiciando queixas ginecológicas, reduzindo a qualidade de vida da mulher a partir do desconforto gerado (MILLS, 2017).

Kumar, Abbas e Aster (2013) relatam que entender quais fatores predispõe alterações no ecossistema vulvovaginal, auxilia a reduzir o risco de desenvolver alguma doença, pois instiga a mulher a adotar um autocuidado como medida preventiva. De igual forma, Souza, Oliveira e Gonçalves (2020) alegam que o conhecimento dos cuidados básicos ampara a manutenção da zona íntima como um todo, mantendo um equilíbrio.

O estudo feito por Nery (2018) reforça a necessidade dessas alegações ao retratar que 71,4% dos participantes de sua pesquisa desconheciam os fatores de risco capazes de influenciar no desequilíbrio na microbiota vaginal. Sendo assim, com a intenção de reduzir a susceptibilidade das mulheres em desenvolverem alguma intercorrência genital é encorajado a orientação do público feminino sobre os

cuidados íntimos (FELIX, 2019).

4.6 INTERCORRÊNCIAS

4.6.1 Intercorrências relacionadas à limpeza diária

Anatomicamente a genitália se estrutura entre a raiz das coxas, uma área de complicada visualização dificultando a compreensão das estruturas a serem higienizadas ou da manipulação incorreta (FELIX, 2019). Agrega também ser susceptível a atritos e de difícil aeração favorecendo um aumento de temperatura. Além de que, favorece a umidade local por conta dos fluidos orgânicos secretados pelas glândulas e o fluxo vaginal (RUIZ et al. 2019).

O fato de ser um ambiente constituído por sucessões de pequenas e grandes pregas de peles e pelos dificulta a remoção de resíduos (além das secreções glandulares, os restos celulares, resquícios fecais, de urina e menstruais) (GIRALDO et al., 2013). Todo esse cenário, quando submetido ao cuidado inadequado, gera um acúmulo desses detritos corpóreos, primordial para irritação e prurido, odores e corrimentos indesejados, meio favorável a reprodução de microrganismos patogênicos (MILFONT, 2020).

Dentre os hábitos ineficientes que certo quantitativo de mulheres estão sujeitas a cometerem, está a higiene anal feita no sentido do ânus para a vulva. Tal ato permite que o papel higiênico conduza resíduos fecais em direção ao introito da vagina e uretra, propiciando a contaminação e desenvolvimento de candidíase vulvovaginal (CVV) (CEZAR et al., 2019; MEDEIROS, 2016).

Silva et al. (2017) deduzem que os restos de fezes que tendem a ficar na região ou mesmo na calcinha, podem ser a fonte de origem das leveduras. Um estudo feito no Egito constatou que as mulheres que apresentavam quadros de infecção vaginal possuíam o mal hábito de limpar no sentido incorreto a área genital (75%) (HAMED, 2015, p. 59, apud FELIX, 2019, p. 38).

Indivíduos saudáveis tem seu trato gastrointestinal e urogenital colonizado por

Candida sp, em quantidades controladas fazendo com que não se desenvolva doença. Contudo, ao passo que há um descontrole da microbiota, essas leveduras tendem a ter um crescimento excessivo ao mesmo tempo que assumem um comportamento agressivo (SOARES et al., 2018). Cerca de 80% a 90% dessas manifestações são propiciadas pela *C. albicans*, todavia, existem outras espécies capazes de tal feito (10% a 20%), como a *C. tropicalis*, *C. parapsilosis*, *C. krusei* e *C. glabrata* (BRASIL, 2015).

Alves et al. (2021) descrevem que a ocorrência desse cenário relaciona-se à natureza polimórfica da *C. albicans*. Quando ela se apresenta em forma de levedura atua de modo comensal sem patogenicidade associada, porém ao sofrer uma transição morfológica para hifa torna-se patogênica e invasiva. Clinicamente os sintomas descritos são prurido vulvar (capaz de produzir fissuras superficiais ou escoriações), vermelhidão e edema vulvar, disúria, dispareunia e também corrimento esbranquiçado com aspecto caseoso (MILLS, 2017).

Aproximadamente 75% das mulheres em idade reprodutiva apresentarão no decorrer de sua vida pelo menos um episódio de CVV, 50% exibirão dois ou mais episódios e ao menos 5% terão quadros de recorrência, culminando em quatro ou mais episódios por ano (FUKAZAWA, 2018). É caracterizado como um grave problema de saúde pública por interferir tão intimamente na qualidade de vida das mulheres (FELIX, 2019). Soares et al. (2018) revelam que a doença vai além de apenas uma infecção, pois além do prejuízo físico acarreta também danos psicológicos, capazes de interferir na vida pessoal e profissional.

No entanto, um aspecto positivo em relação a essa temática foi notado em uma pesquisa sediada em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no interior do Ceará, onde a maioria das mulheres (74,41%) reconheceram como errada a conduta de limpeza do ânus em direção a vulva. Isso demonstrou que elas apresentavam um conhecimento adequado e logo, sua conduta poderia ser guiada de igual forma (NEPOMUCENO, 2017).

O uso de ducha vaginal é outro tipo de procedimento desconjurado pela literatura e área da saúde. Mulheres podem ser levadas a essa prática, guiadas pela falsa ideia de que a vagina precisa ser limpa, quando na verdade é um órgão que sofre limpeza fisiológica, ou seja, autolimpante. Isso se dá por meio do fluido vaginal

que passa pelo canal, o qual é composto de restos celulares, microrganismos e substâncias antimicrobianas, sendo expelido ao desembocar na vulva (SILVA, 2019). Inclusive muitas vezes essa descarga vaginal é interpretada equivocadamente como corrimento anormal, sendo motivo da utilização da ducha com o intuito de extingui-la (MARTINS, 2014).

Nepomuceno (2017) constatou dados importantes ao incluir o assunto “uso de duchas vaginais” na sua pesquisa em uma UBS de Pacajus. Do quantitativo de mulheres abordadas, 40,69% não souberam descrever se o uso das duchas poderia provocar algum desequilíbrio da flora íntima. Inclusive 32,55% das participantes discordaram que essa prática pudesse ser maléfica à saúde feminina. Essas convicções são alertas ao passo que podem guiar esse público a adotarem condutas nocivas ao seu autocuidado.

Ruiz et al. (2019) ao aplicar uma entrevista com ginecologistas notou um dado peculiar ao evidenciar que 21,40% declararam realizar o uso das duchas vaginais. Como provedoras de saúde e levando em conta sua formação e conhecimento científico, muito se impressiona o fato dessas profissionais optarem por um método desencorajado, visto as reverberações prejudiciais causadas por ele. Chama-se a atenção que mesmo ginecologistas precisam melhorar seus hábitos de higiene, tanto pelo cuidado próprio, quanto por representarem influência sobre outras mulheres.

Acontece que quando se introduz a água na vagina, isso provocará um desequilíbrio dos microrganismos ali residentes, minando a defesa e favorecendo o surgimento de vulvovaginites, tal como a vaginose bacteriana (VB). Tal hipótese se justifica pelo fato da ducha mediar uma limpeza mecânica da microbiota, por exemplo reduzindo o número de *Lactobacillus* sp., ao mesmo tempo que insere substâncias exógenas capazes de alterar o pH vaginal (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020).

A VB trata-se de uma infecção polimicrobiana representada pelo crescimento de bactérias anaeróbias tais quais *Gardnerella vaginalis*, *Bacteroides* spp., *Prevotella* spp., *Mobiluncus* spp. e *Mycoplasma hominis* após algum processo que provoque disbiose no meio (RESENDE et al., 2019). O ambiente se apresenta ácido graças a presença de lactobacilos, porém ao sofrerem uma baixa, o pH tende a aumentar subsidiando então a proliferação desses microrganismos (NERY, 2018).

Essa infecção é a causa mais comum de corrimento vaginal, o qual se configura com aspecto branco-acinzentado, bolhoso e homogêneo com intenso odor fétido (a produção de amins como putrescina e cadaverina produzidas por essa microbiota anaeróbia se tornam voláteis em pH alcalino exalando esse mau cheiro) que tende a piorar após relações sexuais (CARVALHO et al., 2020). No entanto duas em cada três mulheres podem não apresentar sintoma algum, dificultando a identificação do caso clínico (CAMARGO et al., 2015)

Esse último fato requer atenção ao levar em conta que a VB, quando não diagnosticada ou não tratada corretamente, gera complicações válidas de mencionar. Em grávidas podem induzir ao parto prematuro, aborto, baixo peso em recém-nascidos e endometrite (SANTOS et al., 2017). Outras situações são a infertilidade, lesões pré-cancerosas no colo uterino, infecções pós cirurgias ginecológicas e doença inflamatória pélvica (TONINATO et al., 2016). Além disso essas bactérias podem formar biofilmes que facilitam a adesão de outros patógenos, tornando a mulher susceptível a adquirir infecções sexualmente transmissíveis (IST) como o vírus da imunodeficiência humana (HIV) (LOVELESS; MYINT, 2018).

No Brasil a VB atinge cerca de 45% das mulheres que relatam corrimento vaginal, afetando de 10% a 30% das gestantes (ALVES et al., 2021). Em consultórios ginecológicos compreendem entre 5 a 15% das queixas. Esses números aumentam em clínicas especializadas em IST, onde a VB atinge de 32% a 64% dos casos. Em países com frequência de HIV, a VB tem prevalência de 50% (RESENDE et al., 2019).

Segundo Felix (2019) as vulvovaginites aqui representadas pela candidíase vulvovaginal e vaginose bacteriana, têm sido correlacionadas ainda com a frequência de lavagem da vulva. Em seu estudo foi possível comparar que mulheres com VV lavavam a genitália menos vezes ao dia do que aquelas sem VV. Esse demonstrativo fortalece a conjectura de que o acúmulo de sujidades pode predispor um meio propício para o desenvolvimento desses microrganismos, além de que umidade em excesso, juntamente com as células esfoliada predispõe irritação local e odores desagradáveis (PIASSAROLLI, 2014).

Levando em consideração o conteúdo retratado, fica claro que a falta de zelo no aparelho genital feminino predispõe condições de problemas à saúde feminina,

uma vez que transtornos de natureza íntima progridem gerando agravos. Podem comprometer inclusive o trato genital superior e o genito-urinário (ANDRADE et al., 2014). O impacto provocado na qualidade de vida da mulher se mostra inclusive com os danos psicológicos e emocionais gerados pelo incômodo da sintomatologia, afetando muitas vezes seu desenvolvimento social, profissional e sexual (BAGNALL; RIZZOLO, 2017).

4.6.2 Intercorrências relacionadas à higiene menstrual

A menstruação é um processo natural que faz parte da fisiologia feminina, consistindo em um sangramento vaginal com eliminação de parte do endométrio descamado. Um processo que decorre de 3 a 7 dias em ciclos médios de 28 dias, podendo este tempo se alterar de acordo com cada organismo (RATTI et al., 2015). É uma fase que abrange anos, acompanhando a mulher em grande parte da sua vida (SILVA, 2017).

Ciribelli (2017) alega que os dispositivos menstruais são instrumentos adotados pelas mulheres nesse período com o intuito de coletar, reter ou ocultar o sangue menstrual, devendo estes serem usados com prudência respeitando o tempo de uso recomendado e higienização correta.

Existem questionamentos envoltos dos potenciais riscos associados ao uso prolongado de absorventes e como isso afetaria a saúde feminina. Pode-se dizer que o absorvente externo ao manter contato com a vulva poderia provocar um aumento da temperatura no local ao mesmo tempo em que manteria um ambiente úmido podendo modificar o pH. Alterações dessa natureza poderiam predispor o crescimento de bactérias e fungos na vulva, com chances de reverberar possíveis infecções como a CVV (BARDIN, 2013).

Agregando-se a isso Castro (2019) descreve que nesse período é quando as mulheres se encontram mais susceptíveis a desenvolverem infecções. Foi constatado através de estudo que a flora da vagina pode sofrer alterações, sendo que no início da menstruação há uma concentração de diferentes espécies de microrganismos comparados aos lactobacilos que diminuem suas taxas. Esses

últimos recompõem seu crescimento ao longo de períodos intermenstruais.

Um adendo importante envolvendo essa temática é que por vezes mulheres tem o hábito de utilizar absorventes mesmo não estando menstruadas. Ruiz et al. (2019) demonstra isso ao constatar que 41% das participantes de sua pesquisa faziam uso do absorvente em períodos intermenstruais. As justificativas variam com relação a precaução de perdas sanguíneas que venham acontecer por adiantamento do ciclo, resquícios de urina ou incontinência urinária e também pela presença de fluxo vaginal, independente de ser fisiológico ou patológico. O fato é que relatam se sentirem mais confortáveis estando “secas e limpas”, sem mancharem a roupa íntima (PIASSAROLLI, 2014).

Essa frequência de uso tende a dificultar a aeração local, possibilitando a instalação de vulvovaginites, ainda mais quando associadas ao uso de roupas apertadas como o jeans (PIASSAROLLI, 2014). Por outro lado, Felix (2019) descreve que essa situação tende a se amenizar se o absorvente em questão se tratar daqueles sem película plástica (respiráveis), uma vez que possuem microporos que permitem a circulação do ar evitando abafamento e acúmulo de umidade.

Em um estudo feito ao longo de três ciclos menstruais nos dias interciclos com 58 mulheres que faziam uso de absorventes neutros não respiráveis, constatou que de fato o pH, umidade e também temperatura tiveram um aumento significativo ao ser comparado com mulheres que utilizavam absorventes respiráveis ou as que não utilizavam absorvente. Outro resultado obtido foi que as mulheres que utilizavam o absorvente não respirável apresentaram um número maior de microrganismos do que as demais (CASTRO, 2019).

Outra faceta acerca dos absorventes externos é a capacidade alergênica envolvida. Pelo fato da vulva estar em constante contato com a umidade retida, seja em períodos menstruais ou intermenstruais, a barreira cutânea pode ser agredida. Com isso o potencial irritante desses resíduos são capazes de predispor a área genital ao desenvolvimento de dermatoses e dermatites de contato (ERNANDES, 2018).

Bardin et al. (2013) ao aplicarem um questionário em um grupo de mulheres, identificaram que das 250 participantes que responderam, 55,2% delas relataram

possuir reação vulvar ao fazerem uso de absorvente externo. Dentre as queixas estavam fissuras, pruridos, edemas e hiperemias.

O absorvente interno por sua vez tem o mecanismo de absorver a menstruação no canal vaginal. Uma vez que esse material fica mantido por tempo prolongado dentro do corpo, passa a representar perigo ao ser capaz de gerar danos à saúde. De acordo com a OMS essa condição de uso tende a desencadear uma infecção conhecida como Síndrome do Choque Tóxico (SCT) (NERY, 2018).

Mitchell et al. (2015) tentam explicar os possíveis fatores que contribuem para o surgimento desse caso, elencando: 1) acúmulo de sangue na vagina retidos pelo material absorvente; 2) elevação do pH vaginal durante a menstruação; 3) presença de dióxido de carbono e oxigênio no canal nesse período do ciclo. A associação desses três fatores poderia predispor um ambiente favorável ao crescimento de bactérias gram-positivo como *Staphylococcus aureus* e *Streptococcus pyogenes*.

Essas bactérias produzem exotoxinas que atuam como superantígenos sensibilizando uma resposta imune exagerada, que posteriormente culminará em choque e falência de vários órgãos. A SCT desencadeada por estreptococos tende a ser mais séria do que a por estafilococos. Apesar de acontecimentos raros desse quadro clínico, sua taxa de mortalidade é elevada podendo chegar aos 70% (GARROTES, 2019).

Especificamente as exotoxinas pirogênicas produzidas por *S. pyogenes* operam como superantígenos se ligando como proteína não processada ao complexo de histocompatibilidade II das células apresentadoras de antígenos e à região beta variável dos linfócitos T (simultaneamente), sem que ocorra o processo de apresentação de antígeno. Essa interação promove ativação excessiva dessas duas células e como consequência uma síntese massiva de citocinas (TNF- α , IL-1, IL6) (ROLDÃO, 2018).

O resultado desse processo inflamatório se mostra inicialmente com dores intensas de começo abrupto. A paciente passa a apresentar febre, exantema, em alguns casos vômito e diarreia (SÁ, 2018). Ao passo que se agrava iniciam-se os sintomas de choque devido a lesão tecidual, aumento da permeabilidade capilar e posterior hipotensão, culminando na disfunção de múltiplos órgãos (CARVALHO et al., 2020). Os sinais incluem taquicardia, disfunção renal e insuficiência respiratória

(ROLDÃO, 2018).

A SCT não se trata de uma infecção com causa exclusiva envolvendo temática menstrual (podendo afetar mulheres não menstruadas e homens por outros motivos), porém quando abordado na literatura envolvendo uso de dispositivo menstrual, a associação se dava apenas ao absorvente interno (SÁ, 2018). No entanto Mitchell et al. (2015) retratou em seu artigo um relato de caso cuja paciente deu entrada no hospital com sintomas de SCT. Na investigação sobre a origem do problema foi constatado o uso de coletor menstrual.

Apesar deste último ser um instrumento de material hipoalergênico e antibacteriano, pelo fato da paciente ter lesionado a mucosa ao introduzi-lo e juntamente do acúmulo de sangue ao fazer uso do dispositivo, puderam ser fatores contribuintes para o quadro desenvolvido. Chama-se a atenção que apesar de ter sido um caso isolado, o manuseio incorreto predispôs a perturbação do estado de saúde (MITCHELL et al., 2015).

Outra vertente a se mencionar é a forma como a pobreza impõe dificuldades na relação entre a mulher e a higiene menstrual (LAHME; STERN, COOPER, 2018), principalmente países subdesenvolvidos onde o público feminino carece de recursos e informações necessárias ao seu cuidado. Em consequência, por falta de melhores alternativas, são levadas a adotarem práticas inseguras que têm um impacto negativo em sua saúde (GENA, 2020).

A falta de dinheiro limita o acesso aos absorventes para inúmeras mulheres ao redor do mundo. Na tentativa de conter o sangramento menstrual utilizam de alternativas que estejam ao seu alcance como roupas velhas e pedaços de cobertores que podem ser reutilizados, por vezes até recursos não convencionais e perigosos como a inserção de jornal, algodão e papel de seda no canal vaginal (KUHLMANN; HENRY; WALL, 2017).

As cargas de infecções no aparelho genital costumam ser generalizadas em locais de baixa renda, tornando-se uma preocupação da saúde pública. Não são muitos os estudos que testam a relação de infecções e o tipo de material usado no controle da menstruação, mas os que existem sugerem que dependendo da natureza do produto utilizado pode aumentar o risco de desenvolver esse quadro (KUHLMANN; HENRY; WALL, 2017).

Panos reutilizáveis quando comparados aos absorventes são considerados como uma má opção de cuidado. Diante das circunstâncias, quando higienizados e secos corretamente podem funcionar na gestão da higiene menstrual. Entretanto dados mostram que as chances de desenvolver infecção duplicam quanto ao seu uso ao invés de produtos descartáveis (DAS et al., 2015). Kuhlmann, Henry e Wall (2017) revelam que uma pesquisa sediada na Índia mostrou que 65,7% das meninas que utilizaram panos reutilizáveis relataram infecção em comparação aos 12,3% das que usavam absorventes.

4.6.3 Intercorrências relacionadas ao uso de produtos

Nos dias de hoje diversos são os produtos disponíveis no mercado destinados à área genital feminina como os sabonetes líquidos, lenços umedecidos, pomadas, sprays, cremes, entre tantos outros, com as mais variadas adições químicas em sua composição. Muitas mulheres os consomem sem ter um conhecimento prévio das características físico-químicas que os compõe, que por vezes podem resultar em modificações fisiológicas da região, culminando em processos irritativos e infecciosos (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020). Crann et al. (2018) constatou em seu estudo que as participantes que relataram usar produto na região genital tiveram o triplo de chances de relatar alguma condição adversa (VB, infecção por fungo, infecção no trato urinário).

Compreender a anatomia da vulva e da vagina e o funcionamento que rege sua homeostasia, permite entender se as interações entre essas áreas e os agentes externos aos quais é submetida, resultarão em efeitos nocivos ou benéficos à saúde feminina. Isso pode nortear a escolha do produto e também a maneira como será utilizado (BARDIN, 2014). Logo, deve-se dar preferência aqueles que se adequam à região, mimetizando suas características funcionais ou propiciando ações favoráveis à manutenção do meio (FERREIRA; SOUZA, 2020).

A higiene genital tem o objetivo de remover resíduos acumulados. Para facilitar esse processo convém o uso de sabonetes íntimos, pois em tese são os mais apropriados para o local. Contudo na realidade no dia a dia, para muitas

mulheres essa preocupação não vem à tona, fazendo-se uso do sabonete convencional de barra para o corpo. Esse panorama é reforçado em um estudo feito com 121 voluntárias, revelando que 66,11% (80 mulheres) tinham o hábito de utilizar o sabonete em barra para lavar todas as áreas do corpo, incluindo a vulva (RUIZ, 2014).

A problemática entorno disso é explicada pelo fato desse sabonete comum ser alcalino, apresentando pH específico ao corpo e não ao pH vulvar, o que possivelmente colaboraria para alteração da acidez do meio em benefício do crescimento de microrganismos patogênicos (FELIX, 2019). Um estudo nacional buscou avaliar o pH de 42 sabonetes e constatou que a maioria dos produtos em barra apresentavam pH entre 9 e 10 (RUIZ, 2014). Outra questão envolvida é que esse tipo de produto pode ser usado por várias pessoas na residência, permitindo a transmissão de resíduos corporais de outros indivíduos (ROSA; SANTOS, 2014), além disso, é passível de se tornar um meio com proliferação bacteriana, ao ficar exposto e úmido no ambiente depois de ser retirado de sua embalagem (MORAES, 2018).

A genitália feminina é uma área sensível e delicada, sendo os sabonetes líquidos íntimos os mais indicados (BEZERRA et al., 2016). Porém mesmo esses produtos se não tiverem características específicas ao uso, acabam representando um alerta ao seu consumo (SILVA et al., 2019). O pH como mencionado é um importante fator agregado em sua formulação. A fim de que seja feita a manutenção da acidez cutânea, precisa se apresentar na faixa entre 3,8 a 5,6, impedindo a modificação da microflora (FELIX, 2019).

É indispensável em sua composição tensoativos que causem emulsificação suave das gorduras, sem remover excessivamente a camada lipídica que protege a pele. Do contrário causa ressecamento, desencadeando prurido (CARDOSO, 2015) e fragilizando a região através dos microtraumas gerados (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020). Lopes et al. (2018) aconselham ainda que ao se agregar agentes hidratantes na formulação, como a glicerina, também auxilia a evitar que a pele fique ressecada.

Outro importante fator é a propriedade hipoalergênica, justamente por causa da sensibilidade da região às substâncias químicas a qual é exposta, esse contribuinte pode prevenir reações que causem irritação (PIASSAROLLI, 2014).

Felix (2019) reforça também que sabonetes com ação bactericida devem ser evitados, devido agir inclusive sobre os microrganismos natos da flora local, apresentando uma tendência a serem alterados sob efeito dessa propriedade.

Lenços umedecidos também são produtos visados pelas mulheres por terem uma eficácia boa na remoção de resíduos, o que cabe menção neste trabalho (FELIX, 2019). O estudo promovido por Crann et al. (2018) permitiu identificar que 30% das participantes faziam uso externo desse item ao menos uma vez por dia nos últimos três meses. E que nesse mesmo período de tempo, 29,7% manuseavam internamente pelo menos uma vez por dia.

Esses lenços possuem base celulósica embebida de constituintes como detergentes suaves, fragrâncias, amaciadores, entre outros, sendo sua faixa de pH entre 5 a 6. As suas características permitem considerar que sua utilização é destinada apenas à vulva, pois como já citado, a vagina é autolimpante. O uso abusivo é desencorajado pelo risco de remover o filme lipídico que reveste a pele ou mesmo pelo efeito irritativo que possa desencadear por causa das substâncias que o compõe. No entanto é útil quando empregado em certas circunstâncias (higiene fora de casa e em sanitários de uso público) (CASTRO, 2019).

4.6.4 Intercorrências relacionadas às vestimentas

As vestimentas também são fatores que podem afetar a genitália feminina de acordo com Ferreira e Souza (2020). Roupas justas como as calças acabam ocluindo e impedindo a aeração local, conseqüentemente há um aumento da temperatura (CEZAR et al., 2019). Associado a isso, o acúmulo de umidade proveniente de secreções ricas em bactérias e os microtraumas desencadeados pela fricção da roupa, fazem com que o ambiente fique mais propício ao desenvolvimento de transtornos vulvovaginais, sejam elas alergias ou vulvovaginites (CASTRO, 2019).

Nepomuceno (2017) revelou que 90,69% das participantes de sua pesquisa compreendiam que o uso de calças jeans justas representava risco à saúde íntima. No entanto, Ruiz et al. (2019) revelou que para 62,7% de suas entrevistadas, a calça

jeans apertada era uma vestimenta de escolha no dia a dia por tempo prolongado. Felix (2019) pôde ainda constatar que o uso desse tipo de roupa foi um fator significativo para ocorrência de infecção, onde mais da metade das mulheres que possuíam VV utilizavam calça apertada com frequência (83,3%).

Uma segunda condição significativa de cuidado está relacionada à utilização de roupas de banho molhadas por longos períodos, posto que essa umidade contínua na genitália só contribuiria ainda mais para o mecanismo de crescimento de leveduras como a *C. albicans*. Além disso, quando em piscinas, o cloro presente na água tem potencial irritante (MARTINS, 2014).

Se tratando das peças íntimas, foram projetadas para uso sob as roupas, devendo elas proverem proteção à vulva e as nádegas de agentes externos ao mesmo tempo que proporciona conforto. Por conta dessa proximidade com o corpo se estabelece uma relação com os aspectos fisiológicos do local (ROSA; SANTOS, 2014). Assim como as roupas justas, calcinhas feitas de materiais sintéticos suscetibilizam o aquecimento e retenção de umidade favorecendo proliferação microbiana (ANDRADE et al., 2014).

Castro (2019) observou em seu trabalho que as calcinhas de algodão eram mais empregadas entre as mulheres, condizendo com as recomendações de ginecologistas que acreditam que esse material possibilita maior aeração, contribuindo positivamente com a microbiota vulvar. O mesmo foi encontrado no material de Bardin et al. (2013), em que 59,3% das mulheres optavam pela calcinha de algodão diariamente. Todavia, 63,2% usavam calças justas rotineiramente, contrapondo os benefícios de aeração fornecidos pela calcinha de algodão.

Ademais aconselha-se que haja troca diária das peças íntimas (LIMA, 2020) e que sua lavagem seja realizada corretamente evitando que o material absorva os constituintes do produto e irrite a vulva. Importante citar que o ato de lavar essas peças no banho com sabonetes comuns, funciona apenas como pré-lavagem, sendo ideal reforçar sua limpeza e enxague com produtos apropriados posteriormente (ROSA; SANTOS, 2014). A secagem deve ocorrer em locais arejados de preferência sob o sol, longe de locais com pouca ventilação como os banheiros (AYLLÓN, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos foram alcançados ao passo que permitiram contextualizar o panorama retratado e o entendimento do assunto. O estudo de fato demonstrou o impacto provocado pelas condutas de higiene na qualidade de vida da mulher, uma vez que se mostram fatores decisivos para a manifestação de infecções e alergias, quando conduzidas de maneira errônea.

Especificamente a forma como se promove a limpeza local, os produtos aplicados na área, os artifícios usados para proporcionar contenção de fluidos e as vestimentas, possuem em certo momento potencial para provocar algum distúrbio fisiológico tendo repercursão no bem-estar feminino. Esse cenário é reforçado ao dispor dados que evidenciaram fragilidades nos cuidados destinados à região e a reverberação disso no estado de saúde da mulher.

Diante disso a pesquisa desenvolvida permitiu ampliar a compreensão do problema, servindo como uma ferramenta educativa ao passo que permite ampliar o conhecimento da mulher concedendo a adoção do autocuidado como medida preventiva. Discussões a cerca de temáticas femininas são sempre válidas, ainda mais quando estas se mostram deficientes em algum ponto.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Geisa Barbosa et al. Perfil etiológico e epidemiológico das vulvovaginites que acometem mulheres em uma cidade do estado de Tocantins. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, e5383, 2021. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5383>>. Acesso em: 07 jun. 2021.
- ANDRADE, Smalyanna Sgren da Costa et al. Agentes microbiológicos de vulvovaginites identificados pelo papanicolau. **Revista de Enfermagem UFPE**, v. 8, n. 2, p. 233-239, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/9679>>. Acesso em: 07 jun. 2021.
- AYLLÓN, Yanet Oquendo. **A vaginose bacteriana em mulheres em idade fértil e as ações para diminuir sua incidência**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de São Paulo, Curso de especialização em saúde da família, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/22296>>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- BAGNALL, Paulette; RIZZOLO, Denise. Bacterial vaginosis: a practical review. **Journal of the American Academy of PAs**, v. 30, n. 12, p. 15-21, 2017. Disponível em: <https://journals.lww.com/jaapa/fulltext/2017/12000/bacterial_vaginosis__a_practical_review.3.aspx>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- BARANOVA, I. I. Optimization of physical and chemical characteristics of a modern intimate hygiene agent. **International Journal of Green Pharmacy**, v. 12, n. 01, p. 38-43, 2018. Disponível em: <<https://greenpharmacy.info/index.php/ijgp/article/view/1521>>. Acesso em: 18 maio 2021.
- BARDIN, Marcela Grigol. **Higiene e cuidados com a genitália em mulheres com vulvovaginites**. 2014. 154 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/312983>>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- BARDIN, Marcela Grigol et al. Associação de absorventes higiênicos íntimos e vestimentas com vulvovaginites. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 25, n. 3, p. 123-127, 2013. Disponível em: <http://ole.uff.br/wp-content/uploads/sites/303/2018/02/r25-3-2013-DST_v25n3_123-127.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- BEZERRA, Priscilla Xavier et al. Avaliação da rotulagem e parâmetros de qualidade de sabonetes íntimos. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 20, n. 1, p. 51-60, 2016. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Avalia%C3%A7%C3%A3o-da-Rotulagem-e-Par%C3%A2metros-de-Qualidade-de-Bezerra-Souza/0aad9238019f9d7e0acc6ac65b4332fcd56ef809?p2df>>. Acesso em: 18 maio

2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Agenda da Mulher**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/agenda_mulher.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2007/politica_mulher.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis**. 2. ed. Brasília : Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.

BRUNING, Elizabeth et al. A 28 day clinical assessment of a lactic acid-containing antimicrobial intimate gel wash formulation on skin tolerance and impact on the vulvar microbiome. **Antibiotics**, v. 9, n. 2, p. 55, 2020. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2079-6382/9/2/55>>. Acesso em: 20 maio 2021.

CAMARGO, Kélvia Cristina de et al. Secreção vaginal anormal: Sensibilidade, especificidade e concordância entre o diagnóstico clínico e citológico. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 37, n. 5, p. 222-228, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbgo/a/SQK7vPDGXPSF7Q7B7DSDNSh/?lang=pt>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

CARDOSO, Sofia Costa Lamas dos Santos. Relatórios de Estágio realizado na Farmácia Silveira e na Unidade Local de Saúde de Castelo Branco, EPE. 2015. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84301/2/137312.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

CARVALHO, Haroldo Teófilo de et al. Diagnóstico e tratamento da síndrome do choque tóxico estreptocócico em unidade de terapia intensiva pediátrica: relato de caso. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 31, n. 4, p. 586-591, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbti/a/hcFftDxcdZywP86RPbqRxn/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CARVALHO, Newton Sergio de et al. Protocolo brasileiro para infecções sexualmente transmissíveis 2020: infecções que causam corrimento vaginal. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/X9WkLLZRBbcW3mFwbRYBHXD/>>. Acesso em: 31 maio 2021.

CASTRO, Pollyanna Lima. **Avaliação dos cuidados diários e higiene genital em mulheres do curso de formação de oficiais de saúde do exército do ano de**

2019. 2019. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Escola de Saúde do Exército, Programa de Pós-Graduação em Aplicações Complementares às Ciências Militares, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/5236>>. Acesso em: 17 maio 2021.

CAZELLA, Larissa Giovanna et al. Qualidade de vida de mulheres e as características sociodemográficas associadas. **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 3, p. 34-39, 2019. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2448>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CEZAR, Joice Santos et al. Elaboração de material didático para compreensão da anatomia genital feminina e peculiaridades na sua higienização. **Arquivos do MUDI**, v. 23, n. 3, p. 10-21, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/51509>>. Acesso em: 7 maio 2021.

CHEN, Ying et al. Role of female intimate hygiene in vulvovaginal health: Global hygiene practices and product usage. **Women's Health**, v. 13, n. 3, p. 58-67, 2017. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1745505717731011>>. Acesso em: 20 maio 2021.

CIRIBELLI, Fernanda. O corpo pedagogizado: fluidos femininos e propagandas de absorvente. **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo**, v. 2, n. 6, p. 47-56, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6254196>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CRANN, Sara E. et al. Vaginal health and hygiene practices and product use in Canada: a national cross-sectional survey. **BMC women's health**, v. 18, n. 1, p. 1-8, 2018. Disponível em: <<https://bmcwomenshealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12905-018-0543-y>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

CRUZ, Déa Silvia Moura; COLLET, Neusa; NÓBREGA, Vanessa Medeiros. Qualidade de vida relacionada à saúde de adolescentes com dm1-revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 973-989, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n3/973-989/>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

DAS, Padma et al. Menstrual hygiene practices, wash access and the risk of urogenital infection in women from Odisha, India. **PloSone**, v. 10, n. 6, p. e0130777, 2015. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0130777>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ERNANDES, Camila Carvalho. **A quebra de tabus sobre menstruação e práticas sustentáveis**. 2018. 33 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, Curso de Ciências Biológicas, São Gabriel, 2018. Disponível em: <<http://dspace.unipampa.edu.br:8080/handle/rii/4529>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

FELIX, Thais Chimati. **Vulvovaginite em mulheres atendidas em serviço de atenção primária à saúde da família: ocorrência e hábitos de higiene.** 2019. 78 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina, Uberlândia, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/25189>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

FERNANDES, Rosa Aurea Quintella; NARCHI, Nádia Zanon. **Enfermagem e Saúde da Mulher.** 2 ed. São Paulo: Editora Manole, 2013. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FERREIRA, Eryka R. da Silva; SOUZA, Tatianny de A. Freitas. Cuidados e higiene íntima feminina: agentes externos e consequências. In: TESCAROLLO, Iara Lúcia. **Farmácia e promoção da saúde 2.** Ponta Grossa: Atena Editora, 2020. p. 125-134. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/2980>>. Acesso em: 17 maio 2021.

FUKAZAWA, Eiko Ines. **Influência da candidíase vulvovaginal recorrente na qualidade de vida.** 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Programa de obstetrícia e ginecologia, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5139/tde-28022019-083920/en.php>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

GARROTES, Maria Saturnino Mateiro Silva. **Síndrome do choque tóxico: a propósito de um caso clínico.** 2019. 21 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/43290>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

GENA, Hussein Mohammed. Menstrual hygiene management practices and associated factors among secondary school girls in east hararghe zone, Eastern Ethiopia. **Advances in Public Health**, v. 2020, 2020. Disponível em: <<https://www.hindawi.com/journals/aph/2020/8938615/>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

GODHA, Keshav et al. Human vaginal pH and microbiota: an update. **Gynecological Endocrinology**, v. 34, n. 6, p. 451–455, 2018. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29271266/>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

HARALDSTAD, Kristin et al. A systematic review of quality of life research in medicine and health sciences. **Quality of Life Research**, v. 28, n. 10, p. 2641-2650, 2019. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11136-019-02214-9>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

HOFFMAN, Barbara L. et al. **Ginecologia de Williams.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

KELČÍKOVÁ, Simona et al. Examining the determinants of intimate hygiene for young women with an emphasis on behavior related to risk of vulvovaginal infections. **Central European Journal of Nursing and Midwifery**, v. 8, n. 2, p. 641-649, 2017. Disponível em: <<https://cejnm.osu.cz/en/artkey/cjn-201702->

0006_examining-the-determinants-of-intimate-hygiene-for-young-women-with-an-emphasis-on-behavior-related.php>. Acesso em: 19 maio 2021.

KLAESENER, Carolina; JACOBO, Andreia. Perfil clínico e epidemiológico de pacientes atendidas na emergência de ginecologia de um hospital terciário. **Revista da Associação Médica do Rio Grande do Sul**, v. 64, n. 3, p. 391-396, 2020. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2859>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

KUHLMANN, Anne Sebert; HENRY, Kaysha; WALL, L. Lewis. Menstrual hygiene management in resource-poor countries. **Obstetrical & gynecological survey**, v. 72, n. 6, p. 356-376, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5482567/>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

KUMAR, Vinay; ABBAS, Abul K.; ASTER, Jon C. **Robbins Patologia Básica**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. Disponível em: <<http://library.lol/main/3C6E295348D7862361ADB89E694FE29C>>. Acesso em: 9 maio 2021.

LAHME, Anne Mutunda; STERN, Ruth; COOPER, Diane. Factors impacting on menstrual hygiene and their implications for health promotion. **Global health promotion**, v. 25, n. 1, p. 54-62, 2018. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1757975916648301>>. Acesso em: 09 jun. 2021.

LEITE, Renata Antunes Figueiredo et al. Acesso à informação em saúde e cuidado integral: percepção de usuários de um serviço público. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 661-672, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/icse/2014.v18n51/661-672/pt/>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

LIMA, Sofia Maria Silva. Relatórios de Estágio realizado na Farmácia Campus São João e no Hospital CUF Porto. 2020. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/129470/2/423656.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

LOPES, Anna Caroline et al. Análise físico-química comparativa de sabonetes líquidos. **Visão Acadêmica**, v. 19, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/58026>>. Acesso em: 18 maio 2021.

LOVELESS, Meredith; MYINT, Ohmar. Vulvovaginitis-presentation of more common problems in pediatric and adolescent gynecology. **Best Practice & Research Clinical Obstetrics & Gynaecology**, v. 48, p. 14-27, 2018. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1521693417301323>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MARTINS, Nelson Valente. **Patologia do Trato Genital Inferior: Diagnóstico e Tratamento**. 2. ed. São Paulo: Editora Roca, 2014. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-2521-7/>>. Acesso em: 09 maio 2021.

MEDEIROS, Maria Clara Rodrigues Lima. **Controle de vulvovaginites na unidade básica de saúde Bela Vista em Bacabal-Maranhão**. 2016. 25 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Atenção Básica em Saúde, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016. Disponível em: <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/9139>>. Acesso em: 7 maio 2021.

MILFONT, Flávia Lopes de Lima. **Resposta inflamatória primária associada ao tumor no carcinoma invasivo da vulva**. 2020. 87 f. Tese (Doutorado) - Fundação Antônio Prudente, Curso de Pós-Graduação em Ciências, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://accamargo.phlnet.com.br/Doutorado/2020/FLLMilfont/FLLMilfont.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2021.

MILLS, Benjie Brown. Vaginitis: beyond the basics. **Obstetrics and Gynecology Clinics**, v. 44, n. 2, p. 159-177, 2017. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28499528/>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MITCHELL, Michael A. et al. A confirmed case of toxic shock syndrome associated with the use of a menstrual cup. **Canadian Journal of Infectious Diseases and Medical Microbiology**, v. 26, n. 4, p. 218-220, 2015. Disponível em: <<https://www.hindawi.com/journals/cjiddm/2015/560959/>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MITRA, Anita et al. The vaginal microbiota, human papillomavirus infection and cervical intraepithelial neoplasia: what do we know and where are we going next?. **Microbiome**, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2016. Disponível em: <<https://microbiomejournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s40168-016-0203-0>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MORAES, Rebeca G. Costa. **Análise da rotulagem, de parâmetros físico-químicos e da atividade antifúngica de sabonetes líquidos íntimos**. 2018. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Paranaense, Curso de Graduação em Farmácia, Toledo, 2018. Disponível em: <<https://tcc.unipar.br/files/tccs/07f3ce3db2707c4f2e1a62963b8231a13.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

MORAIS, Renata Soares et al. Educação em saúde sobre vulvovaginites para mulheres atendidas em um centro de saúde da família. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 27, n. 4, p. 513-517, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/2734>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MURINA, Filippo et al. Characterization of female intimate hygiene practices and vulvar health: a randomized double-blind controlled trial. **Journal of cosmetic dermatology**, v. 19, n. 10, p. 2721-2726, 2020. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jocd.13402>>. Acesso em: 24 maio 2021.

NAMI, Yousef; HAGHSHENAS, Babak; KHOSROUSHAHI, Ahmad Yari. Molecular identification and probiotic potential characterization of lactic acid bacteria isolated from human vaginal microbiota. **Advanced pharmaceutical bulletin**, v. 8, n. 4, p.

683, 2018. Disponível em:
<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6311637/>>. Acesso em: 18 maio 2021.

NEPOMUCENO, Samara dos Reis. **Saúde ginecológica: avaliação de álbum seriado como instrumento para promoção da higiene íntima feminina**. 2017. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Acarape, 2017. Disponível em:
<<http://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1023>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

NERY, Fábio Santos. **A importância da microbiota vaginal para saúde feminina: um panorama do conhecimento da comunidade da FUP**. 2018. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, 2018. Disponível em:
<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27519/1/2018_FabioSantosNery_tcc.pdf>. Acesso em: 09 maio 2021.

NORONHA, Daniele D. et al. Qualidade de vida relacionada à saúde entre adultos e fatores associados: um estudo de base populacional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 2, p. 463-474, 2016. Disponível em:
<<https://scielosp.org/article/csc/2016.v21n2/463-474/>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

OLIVEIRA, Fabiana Becker; BAIROS, Graciélle. **Tratamento realizado em uma clínica escola efeito do uso da radiofrequência na flacidez genital feminina: um estudo de caso**. 2018. 34 f. Monografia - Centro de Educação Profissional Senac Saúde e Beleza, Florianópolis, 2018. Disponível em:
<<http://repositorio.sc.senac.br/handle/12345/13746>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

OLIVEIRA, Jennefer Aparecida Gonçalves; CARNEIRO, Cláudia Martins. Fatores associados a alterações da microbiota no trato genital feminino inferior. **Pensar Acadêmico**, v. 18, n. 2, p. 289-299, 2020. Disponível em:
<<http://www.pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/1707>>. Acesso em: 09 mai 2021.

OLIVEIRA, Mariana Paiva et al. Avaliação antibacteriana dos sabonetes íntimos frente aos principais constituintes da microbiota vulvovaginal. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.17. n.3.a, p. 122-129, 2017. Disponível em:
<https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/2017-S3A/10.pdf>. Acesso em: 18 maio 2021.

PIASSAROLLI, Virginia Pianessole. **Higiene e cuidados com a genitália de mulheres na menacme: estudo de base-populacional**. 2014. 159 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/312981>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PITOMBEIRA, Delane Felinto; OLIVEIRA, Lucia Conde. Pobreza e desigualdades

sociais: tensões entre direitos, austeridade e suas implicações na atenção primária. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 5, p. 1699-1708, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25n5/1699-1708/pt/>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

RATTI, Claudia Ramos et al. O tabu da menstruação reforçado pelas propagandas de absorvente. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0436-1.pdf>>. Acesso em: 22 setembro 2020.

RESENDE, Angelina Freire et al. Prevalência de vaginoses bacterianas em pacientes que realizaram bacterioscopia de secreção vaginal. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 18, n. 2, p. 190-193, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/29698>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

RIZZO, Donald C. **Fundamentos da anatomia e fisiologia**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2016. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

ROBERTO, Luana Leal et al. Falta de acesso a informações sobre problemas bucais entre adultos: abordagem baseada no modelo teórico de alfabetização em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 823-835, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n3/823-835/pt/>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

RODÃO, Marta Custódio. **Síndrome do choque tóxico estreptocócico: a propósito de dois casos clínicos**. 2018. 29 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/42403>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

ROSA, Giane Bertol; SANTOS, Karina Mikoda. **Produto para lavagem de roupa íntima feminina**. 2014. 155 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Bacharelado em Design, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/7773>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

RUIZ, Camila. **Avaliação dos cuidados diários dos genitais femininos de médicas ginecologistas**. 2014. 63 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/312985>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

RUIZ, Camila et al. Daily genital cares of female gynecologists: a descriptive study. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 65, n. 2, p. 171-176, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ramb/a/BD9jFpKjDF7LJbGqX4QxHkP/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

SÁ, Diogo Carvalho Pereira. **Síndromes de choque tóxico**. 2018. 39 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Universidade do Porto, Porto, 2018. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/114327>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SANTOS, Nívea Cristina Moreira. **Enfermagem em Ginecologia e Saúde da Mulher**. São Paulo: Editora Saraiva, 2019. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>. Acesso em: 19 abr 2021.

SANTOS, Luzinete Priscila da Silva et al. Prevalência de vulvovaginites em mulheres atendidas em uma unidade de saúde. **Temas em saúde**, v. 17, n. 2, p. 260-269, 2017. Disponível em: <<https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2017/08/17221.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

SANTOS, Sandna L. Freitas; SILVA, Jade M. Gordiano; FONTELES, Marta M. de Franca. Educação em saúde sobre higiene íntima da mulher e infecções sexualmente transmissíveis: relato de experiência. **Revista Expressão Católica Saúde**, v. 2, n. 2, p. 1-5, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/40905>>. Acesso em: 17 maio 2021.

SEDLMAIER, Mariana Martins Grassi; DE BARROS, Felipe Cambraia Pereira; LODI, Claudia Teixeira da Costa. Perfil epidemiológico da mulher atendida em ambulatório ginecológico universitário. **Revista interdisciplinar ciências médicas**, v. 3, n. 2, p. 03-09, 2019. Disponível em: <<http://faculdade.feluma.org.br/ojs/index.php/ricm/article/view/174>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

SILVA, Denise Antonia Nunes; COSTA, José Luiz Mazzei. A importância do sabonete íntimo feminino com foco na microbiota e nos estágios de vida da mulher. **Revista Acadêmica Oswaldo Cruz**, v. 6, n. 23, 2019. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40345>>. Acesso em: 17 maio 2021.

SILVA, Diana Rodrigues. **A campanha do coletor menstrual fleurity no contexto do femvertising**. 2017. 51 f. Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6548>>. Acesso em: 29 out. 2020.

SILVA, Hermínio Pereira. **Anatomia da genitália feminina: concepções, tabus e subjetividades**. 2017. 42 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Araguaia, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/330601111_ANATOMIA_DA_GENITALIA_FEMININA_CONCEPCOES_TABUS_E_SUBJETIVIDADES>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SILVA, Júlia Buonafina et. al. Educação em saúde sobre autocuidado íntimo e ISTs para mulheres em situação de vulnerabilidade. **Revista Enfermagem Digital Cuido e Promoção Saúde**, p. 1-6, 2021. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/redcps.com.br/pdf/aop2106.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SILVA, Patrick Leonardo Nogueira et al. Perfil do conhecimento de mulheres quanto aos fatores predisponentes ao desenvolvimento da candidíase vulvovaginal. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 9, n. 1, p. 1011-1015, 2017. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Patrick-Silva-2/publication/319221521_Perfil_do_conhecimento_de_mulheres_quanto aos_fatores_predisponentes_ao_desenvolvimento_da_candidiase_vulvovaginal/links/5e93e4f2a6fdcca78911ae73/Perfil-do-conhecimento-de-mulheres-quanto-aos-fatores-predisponentes-ao-desenvolvimento-da-candidiase-vulvovaginal.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SILVERTHORN, Dee Unglaub. **Fisiologia Humana**: uma abordagem integrada. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SMITH, Steven B.; RAVEL, Jacques. The vaginal microbiota, host defence and reproductive physiology. **The Journal of physiology**, v. 595, n. 2, p. 451-463, 2017. Disponível em: <<https://physoc.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1113/JP271694>>. Acesso em: 18 maio 2021.

SOARES, Dagmar Mercado et al. Candidíase vulvovaginal: uma revisão de literatura com abordagem para *Candida albicans*. **Brazilian Journal Surge and Clin Res–BJSCR**, v. 25, n. 1, p. 28-34, 2018. Disponível em:

<https://www.mastereditora.com.br/periodico/20181204_202650.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SOUZA, Bruna Beatriz; OLIVEIRA, Maria Eduarda Da Silva; GONÇALVES, Jussara Britto Batista. Influências empíricas no cuidado íntimo da saúde da mulher na fase reprodutiva: riscos e consequências. **Anais do fórum de iniciação científica do unifunec**, v. 11, n. 11, 2020. Disponível em:

<<https://seer.unifunec.edu.br/index.php/forum/article/view/5006>>. Acesso em: 9 de mai 2021.

SUMPTER, Colin; TORONDEL, Belen. A systematic review of the health and social effects of menstrual hygiene management. **PloSone**, v. 8, n. 4, p. e62004, 2013.

Disponível em:

<<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0062004>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

TONINATO, Luiz Guilherme Dittert et al. Vaginose bacteriana diagnosticada em exames citológicos de rotina: prevalência e características dos esfregaços de Papanicolaou. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, v. 48, n. 2, p. 165-169, 2016. Disponível em: <http://www.rbac.org.br/wp-content/uploads/2016/06/ARTIGO-12_RBAC-48-2-2016-ref.-1205.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2021.

TORTORA, Gerard J.; DERRICKSON, Bryan. **Corpo humano**: fundamentos de anatomia e fisiologia. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria; FELIX, Jeane; GATTO, Graziela Maria da Silva. Saúde da mulher: o que é poder ser diferente?. **Revista Psicologia**

Política, v. 17, n. 39, p. 327-339, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7427417>>. Acesso em: 9 maio 2021.

VON GLEHN, Mateus de Paula; SIDON, Linconl Uchôa; MACHADO, Eleuza Rodrigues. Gynecological complaints and their associated factors among women in a family health-care clinic. **Journal of family medicine and primary care**, v. 6, n. 1, p. 88, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5629907/>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

WASCHKE, Jens; BÖCKERS, Tobias M.; PAULSEN, Friedrich. **Sobotta**: anatomia clínica. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

YEUNG, Jennifer; PAULS, Rachel N. Anatomy of the vulva and the female sexual response. **Obstetrics and Gynecology Clinics**, v. 43, n. 1, p. 27-44, 2016. Disponível em: <[https://www.obgyn.theclinics.com/article/S0889-8545\(15\)00116-3/abstract](https://www.obgyn.theclinics.com/article/S0889-8545(15)00116-3/abstract)>. Acesso em: 20 maio 2021.



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Alana Kristina de Souza Santos

CURSO: Farmácia

DATA DE ANÁLISE: 18.10.2021

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **5,56%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet ⚠️

Suspeitas confirmadas: **1,45%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados ⚠️

Texto analisado: **93,53%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.7.1
segunda-feira, 18 de outubro de 2021 17:23

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **ALANA KRISTINA DE SOUZA SANTOS**, n. de matrícula **26969**, do curso de Farmácia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 5,56%, devendo a aluna fazer as correções necessárias.

Herta Maria de Açuena do N. Soeiro

HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Júlio Bordignon
Faculdade de Educação e Meio Ambiente



Alana Kristina de Souza Santos

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5253005404068361>

ID Lattes: **5253005404068361**

Última atualização do currículo em 29/09/2021

Graduanda em Farmácia pela Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. **(Texto informado pelo autor)**

Identificação

Nome	Alana Kristina de Souza Santos
Nome em citações bibliográficas	SANTOS, A. K. S.; SANTOS, ALANA KRISTINA DE SOUZA
Lattes iD	http://lattes.cnpq.br/5253005404068361
Orcid iD	https://orcid.org/0000-0001-5300-9330

Formação acadêmica/titulação

2017	Graduação em andamento em Farmácia. Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.
2014 - 2016	Bolsista do(a): Programa Universidade para Todos, PROUNI, Brasil. Ensino Médio (2º grau). Escola Estadual de Ensino Médio Heitor Villa Lobos, E.E.E.M. HVL, Brasil.

Formação Complementar

2020 - 2020	Curso Administração de Injetáveis. (Carga horária: 30h). Futura Info Ensino Técnico e Profissional, FUTURAINFO, Brasil.
2020 - 2020	Curso de Formação Inicial em Balconista de Farmácia. (Carga horária: 240h). Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, IFRO, Brasil.

Produções

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

Ordenar por

Ordem Cronológica ▼

- BARROSO, ESTHER ELIZA NERES ; **SANTOS, ALANA KRISTINA DE SOUZA** ; ROMERO, JAMYLLA ; REZENDE, DRIANO . RELATO DE CASO: ACOMPANHAMENTO E ABORDAGEM DO PGRSS EM UM POSTO DE COLETA DE MATERIAIS BIOLÓGICOS HUMANOS. REVISTA CIENTÍFICA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE, v. 10, p. 193-204, 2020.